



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADA  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO  
CURSO DE ARQUIVOLOGIA**

LISANGELA DE AQUINO LIMA

**CAPAS DE VINIS: artefato de memória e informação do tropicalismo**

**JOÃO PESSOA  
2015**

LISANGELA DE AQUINO LIMA

**CAPAS DE VINIS: artefato de memória e informação do tropicalismo**

Artigo apresentado ao Curso de Graduação em Arquivologia do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do grau de bacharela.

Orientadora: Dr<sup>a</sup> Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira

JOÃO PESSOA  
2015

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

L732c Lima, Lisangela de Aquino.

Capas de vinis: artefato de memória e informação do tropicalismo / Lisangela de Aquino Lima. – João Pessoa: UFPB, 2015.

17f. :il

Orientador (a): Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Bernardina Maria J. Freire de Oliveira.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquivologia) – UFPB/CCSA.

1. Cultura material. 2. Capas de vinis. 3. Artefato informacional. 4. Tropicalismo – Informação e memória. I. Título.

UFPB/CCSA/BS

CDU: 930.25(043.2)

LISANGELA DE AQUINO LIMA

**CAPAS DE VINIS: artefato de memória e informação do tropicalismo**

Artigo apresentado ao Curso de Graduação em Arquivologia do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do grau de bacharela.

Aprovado em: 07/ 12 /2015

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>Dr<sup>a</sup>. Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira  
(Orientadora – UFPB)

---

Prof<sup>a</sup>Ms. Geysa Flávia Câmara Lima do Nascimento  
(Examinadora – UFPB)

---

Prof<sup>a</sup>Dr<sup>a</sup> Izabel França de Lima  
(Examinadora – UFPB)

# **CAPAS DE VINIS: artefato de memória e informação do tropicalismo<sup>1</sup>**

**CUBIERTAS DE VINILO:** artefacto de la información y memoria tropicalismo

**Lisangela de Aquino LIMA**  
E-mail: lizalima29@hotmail.com

## **RESUMO**

Objetiva analisar capas de vinis que revelam aspectos do movimento tropicalista ocorrido na década de 60 que teve forte influência no aspecto da cultura musical brasileira. A análise toma por base algumas capas de vinis que integram o acervo da Rádio Tabajara da Paraíba, a partir de uma intervenção arquivística no acervo da referida Rádio, considerando que o acervo de vinis da Rádio Tabajara é uma espécie de documento/monumento, sobretudo quando nesse acervo encontram-se discos de vinis e capas considerados neste estudo enquanto artefato de memória e informação. Nesse sentido, buscou-se apoio na literatura da ciência da informação, sobretudo no entrelaçamento teórico entre, informação, memória, cultura material e representação.

**Palavras-chave:** Cultura material. Capas de vinis. Artefato. Informação. Memória. Tropicalismo.

## **RESUMEN**

Su objetivo es analizar las cubiertas de vinilo que revelan aspectos del movimiento Tropicalia en los años 60 que tuvieron una fuerte influencia en el aspecto de la cultura musical brasileña. El análisis se basa en alguna de vinilo cubre la parte de los activos de la Tabajara Radio de Paraíba, a partir de una intervención archivística de dichos activos de radio, mientras que el vinilo acervo Radio Tabajara es un tipo de documento / monumento, sobre todo cuando esta colección son los discos de vinilo y cubiertas considerados en este estudio como un artefacto de la memoria y de la información. En este sentido, buscó apoyo en la literatura de ciencias de la información, especialmente en entrelazamiento teórica, la información, la memoria, la cultura material y la representación.

**Keywords:** La cultura material. Cubiertas de vinilo. Artefacto. Información. Memoria. Tropicalismo.

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharela em Arquivologia pela Universidade Federal da Paraíba.

## 1INTRODUÇÃO

“As coisas que recordamos e os caminhos pelos quais a memória nos conduz são imprevisíveis”. (ADAM PHILLIPS. Caderno Mais. Folha de São Paulo, 20 de novembro de 2005, p. 10)

“Afirmar que aqueles que esquecem o passado provavelmente estão condenados a repeti-lo não equivale a dizer que aqueles que o recordam não o farão”. (ADAM PHILLIPS. Caderno Mais. Folha de São Paulo, 20 de novembro de 2005, p. 10).

As epígrafes introdutórias deste artigo nos conduza pensar a problemática da memória e da recordação e suas implicações sociais, ou melhor, suas implicações para a história do homem em sociedade. Nesse sentido, traz à tona a possibilidade do lembrar e recordar como elemento substancial capaz de assegurar a recordação como um ato fundamental para a constituição de laços sociais. Pensamento compartilhado por Azevedo Netto (2007) ao assegurar que os indivíduos e grupos constroem suas memórias e as estruturam a partir dos meios culturais e de suportes informacionais distintos.

Diante de tal argumento, este artigo objetiva pensar os acervos musicais enquanto espaços de memória e as caspas de vinis enquanto artefato da cultura material. Comungando desse raciocínio, optamos por apresentar e discutir a relação entre informação, memória, cultura material, representação e tropicalismo. A proposta se efetiva através da análise de algumas capas de vinis que se encontram no acervo da Radio Tabajara da Paraíba.

Pensar sob essas perspectiva é pensar a possibilidade de ampliar os espaços de atuação do profissional arquivista por meio da sua prática de pesquisa efetuada na abordagem de fenômenos culturais que estão mediados pela informação e pela memória. Práticas de pesquisa levada a cabo pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Cultura, Informação, Memória e Patrimônio (GECIMP), sediado na Universidade Federal da Paraíba, cuja ação é pautada por questões disciplinares na compreensão da relação entre informação e memória, por meio de estudos que se reportam aos acervos arquivísticos, biblioteconômicos e museísticos, com vistas à construção identitária. Tal atuação se cristaliza, na forma de publicações envolvendo uma gama significativa de pesquisadores, alunos de pós-graduação, em nível de doutorado, mestrado e graduação e de iniciação científica, além de técnicos interessados no escopo delineador de sua atuação.

A ótica norteadora é a compreensão e identificação dos atributos informacionais que estão presentes nas capas de vinis, consideradas nesse recorte analítico como artefatos de memória e informação. A ênfase volta-se para as informações disponíveis, desde gravadora, ano, músicas, compositores, licença da censura, edição, ilustrações entre outros elementos também simbólicos que juntos nos remetem de alguma maneira para o tempo, espaço e aspectos sociais, ou seja, analisa capas de vinis que revelam aspectos do movimento tropicalista ocorrido na década de 60 que teve forte influência no aspecto da cultura musical brasileira.

Em face desse entendimento, a concepção de informação adotada neste artigo Smit e Barreto (2002) que a concebe como estruturas simbolicamente significantes, codificadas, de modo socialmente compreensível, e, registrada, garantindo de alguma forma sua permanência no tempo e no espaço.

A opção pelo objeto de análise na intrínseca relação entre informação e memória se deu a partir da imersão de uma experiência profissional no acervo da discoteca da Rádio Tabajara da Paraíba, que conta aproximadamente com 28 mil discos de 33, 45 e 78 rotações. Com mais de 50% desse total representado descritivamente por intervenção do trabalho por nós realizado.

As capas de disco, como parte da cultura material, e analisada sob a perspectiva da informação e memória têm muito a dizer, sobretudo quando relacionadas a um determinado período da história, a exemplo da ditadura militar brasileira. Alguns artistas de época retrataram-na tanto nas músicas de sua composição quanto interpretadas por eles, mas também nas ilustrações das capas que insinuando certo descontentamento em relação ao momento de repressão. Para tanto, busca-se compreender as capas de vinis enquanto artefato de memória e os atributos informacionais dessa construção memorialística em relação ao movimento da cultura tropicalista.

Metodologicamente, para a elaboração deste artigo realizou-se a pesquisa bibliográfica com foco em informações contidas em capas de vinis em suas mais diferentes épocas, bem como a história da Rádio Tabajara da Paraíba associada à pesquisa documental realizada no acervo da referida Rádio. No percurso foram identificadas diversas capas em distintos períodos históricos. Do ponto de vista analítico as capas selecionadas foram analisadas os atributos informacionais e de memória.

## **2 ARTEFATO DE MEMÓRIA E INFORMAÇÃO**

Como ponto inicial, discorreremos sobre a noção de artefato de memória como um dos elementos significativos para compreender as capas de vinis. Nesse sentido, entende-se por artefato de memória as informações e seus atributos implícitos ou explícitos, porém detectáveis a partir de rastros, restos vestígios materializados nas capas e que possuem relações espaço temporal. Tais significações revelam-se enquanto discursos que imprimem enquanto elementos identificáveis do passado histórico. De acordo com Lopes (2002)

A produção de artefatos de memória é compreendida como a construção de representações latentes [...]. Há um lócus destes artefatos, um modo de olhar o passado que é centrado, não podendo ser de outro modo, na experiência vivida pelas gerações anteriores. Compreendem-se, também, estes artefatos como construções ideológicas representacionais que remetem ao nosso passado, sendo ressocializadas por efeito da comunicação midiática contemporânea. Parte-se do princípio de que representam séries temáticas e miméticas que povoam o modo de ver problemas de nosso passado e conseqüentemente do presente, compartilhados e compartilháveis no mundo da vida social. Portanto, existiriam padrões comunicacionais, modos de ver o passado, de acordo com o 'edifício simbólico' presente.

A partir disso pode-se inferir que o artefato é um componente da cultura material. Para Azevedo Netto (2009) a cultura material se caracteriza por um conjunto de artefatos produzidos e consumidos pelos grupos humanos, a partir de suas necessidades funcionais e simbólicas. Assumindo segundo o autor um caráter de representação, que de acordo com Pesez (2001, *apud* Azevedo Netto, 2009)

Isso designa não apenas o domínio das representações mentais, do direito do pensamento religioso e filosófico da língua e das artes, mas também estruturas socioeconômicas, as relações sociais e as relações de produção, em suma a relação entre os homens. A cultura material faz parte das infra-estruturas, mas não as recobre; ela só se exprime no concreto, nos e pelos objetos.

Sob esse argumento a cultura material torna-se de certo modo um elemento de vínculo identitário e se movimenta no tempo em forma de memória. É exatamente, essa memória que estamos buscando descortinar a partir da identificação dos atributos informacionais incrustados nos artefatos. Vale aqui ressaltar a compreensão de atributos informacionais para este texto que se pauta na compreensão das estruturas simbolicamente significantes, codificadas, de modo socialmente compreensível, e, registrada em todos os seus formatos que por um significado e um significante contido nas capas de vinis.

### **3 RÁDIO TABAJARA DA PARAÍBA: o acervo de vinil**

Em 25 de janeiro de 1937 foi inaugurada a PRI-4 Rádio Difusora da Paraíba com o estúdio e escritório localizado nos fundos da Imprensa Oficial (Figura 01) e seus transmissores na Granja São Rafael (Figura 02). No início de a PRI-4 era apenas de caráter educativo, mas meses depois já estava selecionando um número de cantores, músicos e locutores de reconhecimento nacional o que a fez ser reconhecida no país pelo nome de Rádio Tabajara da Paraíba, em homenagem ao cacique Piragibe.

Nos anos que se seguiam a PRI-4, brilhava nas ondas hertzianas destas brasileiras, e teve sua sede oficial na Rodrigues de Aquino, edificado exclusivamente para a rádio. A Rádio tabajara teve sua ascensão e queda na década de 40, aonde chegou a ser tirada do ar por alguns anos. Porém foi na década de 50 no Governo do então José Américo de Almeida que a Rádio ressurge incorpora as suas atividades Programas de auditórios que revelaram novos artistas e tornaram outros mais conhecidos, a exemplo de artistas como Luiz Gonzaga, Orlando Silva, Isaurinha Batista entre outros.

Mas foi apenas em meados do século XX, especificamente em 1985, que sua sede foi construída e inaugurada sendo localizada na comunidade São Rafael, bairro da Torre, João Pessoa-PB, mesmo espaço em que foram instalados os transmissores em 1937. Todavia, foi apenas em Agosto do ano de 2014, que a Rádio teve sua escritura e registro da sede em cartório.

O acervo da Rádio Tabajara conta com quase 20 mil LPs de 33 rotações, 800 de 78 rotações e 9 mil compactos (Figura 04). O mesmo contém discos desde a fundação da Rádio até o último ano de lançamentos de vinis. Segundo informações levantadas na pesquisa, o mesmo continha um número maior de discos chegando ao triplo da quantidade que contém hoje, dado que se consagram quando se compara as fichas de registro existentes do acervo em relação ao quantitativo físico de discos. A diminuição se deu com a mudança de gestão e mudança de local da discoteca, onde muitos foram perdidos ou danificados ao longo do tempo. Entre as várias coleções mais antigas



existentes está uma que data na capa do álbum da RCA do ano de 1904, mas com a coleção do ano de 1948. Muitas capas foram se danificando com o passar dos anos e muitas delas não se consegue ver as informações contidas. Algumas foram danificadas por cupins e não podem ser recuperadas. O acervo conta também com materiais fonográficos de gravações de programas da própria Rádio como também vinis de campanha e programas da BBC, entre as ajuntamentos encontram-se as de óperas que eram transmitidas por ondas tropicais, que eram frequências menores, mas que atingia grandes distâncias como o exterior.

Algumas coleções encontram-se incompletas, outras mesmo após quase 60 anos encontram-se, praticamente, intactas. Alguns cantores lançaram apenas um vinil, outros chegavam a lançar até dois vinis ao ano. Geralmente, os discos chegavam para divulgação pelas mãos dos próprios cantores quando estes não eram conhecidos, mas alguns cantores de sucesso tinham seu vinil adquirido por compra pela Rádio para serem lançado em primeira mão.

O acervo conta ainda com transmissores muitos antigos que precisam de restaurações, além de pick-up usado na época que tem uma chave que possibilita a mudança de rotações do vinil. Depois de anos esquecido, o acervo começa a ser restaurado aos poucos, de início foi feito um trabalho de separação dos vinis por ordem alfabética, depois por cantor. As capas foram e os discos foram higienizados dentro das condições que foram possibilitadas, pois um trabalho de maior intensidade custa caro para a instituição, e precisaria de projeto para execução do mesmo. Dentro das possibilidades está sendo restaurados os álbuns raríssimos que estão danificados devido à ação do tempo.

**Figura 01:** Vista parcial do acervo de vinil da Rádio Tabajara.



**Fonte:** Acervo da Rádio Tabajara  
**Fotógrafa:** Lisangelade Aquino Lima (2015)

### 3.1 A HISTÓRIA DAS CAPAS DOS VINIS

De acordo com Laus (2005), os discos em vinil que vinham do exterior, chegavam sem embalagem individual, apenas com papel intercalando-os dentro de caixas de papelão. Chegando aqui as gravadoras colocavam em envelopes de papel pardos com uma abertura no meio para que pudesse ser visto os selos dos discos que

continham todas as informações desde gravadoras, cantores, compositores entre outros, a exemplo da **Figura 2**.

**Figura 2:** Capa de papel em papel pardo (primeiras embalagens)



**Fonte:** Acervo Rádio Tabajara (2015)

**Fotógrafa:** Lisangelade Aquino Lima (2015)

Nos envelopes eram impressos algumas propagandas como, por exemplo, o equipamento recomendado para o uso daquele vinil, foi o caso da Victor, que recomendava apenas o uso da Victrola. Algumas lojas fabricavam seus próprios envelopes e faziam suas próprias propagandas. Como esses discos não possuíam capas de material duradouras, e existiam na época coleções de vinil como, por exemplo, as óperas, muitas pessoas compravam álbuns, semelhantes aos de fotografias e organizavam seus vinis, muitos deles eram personalizados com nomes dos proprietários. No exterior algumas gravadoras já lançavam esses álbuns personalizados com nome da gravadora. Mas ainda falando das primeiras capas (envelopes), essas perduraram até meados da década de 40 onde começou a se lançar envelopes com fotos em cores. Não era ainda uma capa personalizada de cada cantor com todas as informações, uma vez que, na capa continha o nome do cantor e na contracapa a propaganda de outros cantores lançados por aquela gravadora.

Segundo Egeu Laus (2005), em suas pesquisas, aponta o ano de 1946 como lançamentos de discos com capas personalizadas. Na década de 50 algumas gravadoras lançaram álbuns contendo no máximo quatro discos em 78 rpm, foram poucos cantores lançados nesses álbuns, como mostra a Figura 6:



**Figura 6:** Álbum de discos.

**Fonte:** Rádio Tabajara (2015)

**Fotógrafa:** Lisangela de Aquino Lima (2015)

Todas essas modificações físicas que sofreram as capas de vinil como dos discos atuais foram lançadas, primeiramente, no exterior para em seguida lançar-se no Brasil. Como é o caso do LP long-playing de 33 rpm que foi lançado nos Estados Unidos em 1848 e no Brasil só em 1951.

### 3.2 AS CAPAS DEVINIS COMO ARTEFATOS DE MEMÓRIA

Várias são as definições do que é memória, como esta se constrói e se relaciona com os diversos campos da sociedade. O termo memória vem do latim *mnemos*, que significa a capacidade de guardar ou adquirir ideias, imagens e conhecimentos. Alguns dividem a memória em: memória individual, memória coletiva e Memória social. A memória individual é aquela onde se refere às próprias vivências e experiências do indivíduo, mas contendo aspectos da memória do grupo social. Para o historiador Jacques Le Goff (1990), designa memória coletiva para os povos sem escrita de cultura exclusivamente orale a memória social nas sociedades onde a escrita se fazia presente, pois tudo era registrado em suportes passando do auditivo para visual, perpetuando as lembranças.

Para o diretor, produtor e roteirista Luis Buñuel Portolés fala sobre memória como sendo um sentimento que rege a vida em todos os sentidos.

É preciso começar a perder a memória, mesmo que a das pequenas coisas, para percebermos que é a memória que faz nossa vida. Vida sem memória não é vida [...]. Nossa memória é nossa coerência, nossa razão, nosso sentimento, até mesmo nossa ação. Sem ela, somos nada.”(PORTOLÉS, 1982).

A memória individual é importantíssima para cada indivíduo, pois faz parte de sua formação, que mesmo sendo individual agregam-se a ela outras pessoas, grupos sociais e instituições. No caso de memória social, onde os fatos são extremamente relevantes para sociedade, temos como exemplo os movimentos que surgiram no Brasil na época da Ditadura Militar, que não tinha intenção de agressão ao estado político em que se encontrava o País, mas de revolucionar o estilo musical da época, que foi o Tropicalismo.

### 3.3 O TROPICALISMO: movimento presente nos vinis

No século XX, os artistas da época, nos campos da música, literatura, teatro e artes plásticas lutavam para que o Brasil criasse e mantivesse características próprias e originais do País. No meio musical o samba conseguiu alcançar o posto de bem cultural brasileiro, bem como outros gêneros musicais a exemplo do forró e a música caipira. Mas toda essa busca pela originalidade principalmente no campo musical, seria abalada entre os anos de 1940 e 1950 quando houve no Brasil a exacerbada aceitação dos estilos musicais estrangeiros. Para os defensores da cultura brasileira isso afastaria a população dos nossos ritmos originais e ainda permitiam que os estrangeiros entrassem no país e legitimasse sua exploração econômica através dos seus bens culturais.

Mas para alguns artistas brasileiros essa influência estrangeira não prejudicaria a cultura nacional, ao contrário, ela somaria para criação de outros estilos musicais. No final da década de 50 surge a bossa nova, que seria a mistura do samba com o cool jazz norte americano. Uma década depois no final da década de 60 surge o tropicalismo, que foi um movimento musical que influenciou outras esferas culturais como as artes plásticas, cinema e poesia. Seu marco inicial aconteceu no Festival de Música Popular em 1967 realizado pela TV Record (Figura 3).

O tropicalismo possibilitou o sincretismo entre vários estilos musicais como rock, bossa nova, baião, samba, bolero, entre outros ritmos. Como todos os movimentos que surgiu no país, surgiram críticas a ele, estas vinham daqueles que defendiam as músicas de protesto contra o que estava acontecendo no país que era a Ditadura Militar, uma vez que o tropicalismo não tinha esse objetivo de usar a música como arma. Elas queriam apenas inovar, usando temas do nosso cotidiano. Além desse fator, outra crítica seria o uso de instrumentos como guitarras elétricas, influência da música estrangeira.

**Figura 3:** Capa do disco de vinil do 3º Festival de Música Popular Brasileira Vol. 1 de 1967.



**Fonte:** Acervo Rádio Tabajara

**Fotógrafa:** Lisangela de Aquino Lima (2015)

Desse movimento muitos artistas foram adeptos, e integram efetivamente, a exemplo de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Os Mutantes, Torquato Neto, Tom Zé, Jorge Ben, Gal Gosta e Maria Bethânia.

Os discos tropicalistas que mais fizeram sucesso foram: TROPICÁLIA ou PANIS ET CIRCENCIS (1968), Mutantes, CAETANO VELOSO (1968), LOUVAÇÃO (1967), Gilberto Gil, A BANDA TROPICALISTA DO DUPRAT (1968) Rogério Duprat.

Músicas tropicalistas que fizeram sucesso: Tropicália (Caetano Veloso, 1968); Alegria, Alegria (Caetano Veloso, 1968); Panis etcircencis (Gilberto Gil e Caetano Veloso, 1968); Atrás do trio elétrico (Caetano Veloso, 1969); Cadê Teresa (Jorge Ben, 1969); Aquele abraço (Gilberto Gil, 1969)

Na fase tropicalista tudo se transformou, desde a música, teatro, artes plásticas e outros. Os discos de vinis que quando começaram a chegar ao Brasil através de grandes gravadoras vinham envoltos apenas por envelopes com um furo no meio, passando pelos movimentos como a bossa nova, estes passaram a ter capas com designers que retratavam o momento revolucionário da época, damos destaques para os cantores que na época faziam parte do movimento tropicalista como Gal, Caetano, Tom Zé e Gilberto Gil.

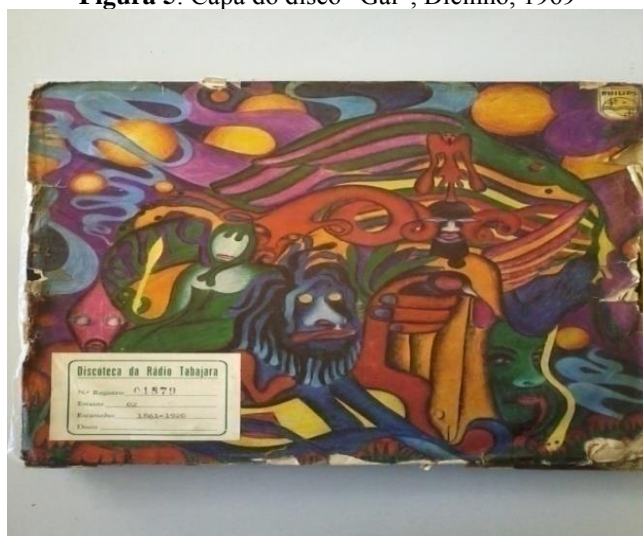
**Figura 4:** Capa do disco “Caetano Veloso” de Rogério Duarte, 1968



**Fonte:** Acervo Rádio Tabajara (2015)

**Fotógrafa:** Lisangela de Aquino Lima (2015)

**Figura 5:** Capa do disco “Gal”, Dcinho, 1969



**Fonte:** Acervo Rádio Tabajara (2015)

**Fotógrafa:** Lisangela de Aquino Lima (2015)

**Figura 6:** Capa do disco de “Tom Zé” 1968 Oficina Programação Visual



**Fonte:** Acervo Rádio Tabajara (2015)

**Fotógrafa:** Lisangela de Aquino Lima (2015)

**Figura 7:** Capa do disco “Gilberto Gil” de Rogério Duarte, 1968



**Fonte:** RODRIGUES, 2008, p. 205.

O Brasil passava por mudanças econômicas como as tentativas de industrialização e modernização no governo de Juscelino Kubitschek, política com as trocas de governos, golpe militar que agravou a situação aumentando cada vez mais o autoritarismo e perseguição à censura e a repressão. Muitos artistas foram perseguidos e exilados como aconteceu com Caetano e Gil, que acabaram se exilando fora do país, marcando o fim do tropicalismo.

Nessa mesma época havia outras mudanças ganhavam ênfase, que era no mundo dos designers brasileiros, que teve seu trabalho priorizado na década de 50, quando se viu a necessidade de criações de capas para os discos, influenciado pelo surgimento em outros países de origens das grandes gravadoras. É aí que surge um dos mais renomados designers da época do tropicalismo, o Rogério Duarte. Desde a bossa nova já se faziam capas que traziam em seus desenhos coisas que marcavam a época. A bossa nova retratava o modernismo da era JK, o branco e os poucos elementos como as

fotos dos cantores vestidos como boêmios, simbolizava a leveza da época. Já em fins de 1967, Gilberto Gil assume a busca do *som universal*, próximo à estética pop internacional. Numa entrevista ao *Jornal da Tarde*, ainda cercado do sucesso de *Domingo no Parque*, declarou Gil:

Música *popé* a música que consegue se comunicar-dizer o que tem a dizer-de maneira tão simples como um cartaz de rua, um outdoor, um sinal de trânsito, uma história em quadrinhos. É como se o autor estivesse procurando vender um produto ou fazendo uma reportagem com textos e fotos.

No tropicalismo, década de 60 as capas de vinis ganhavam outro estilo, novas cores, novos desenhos. A população sofria com a Ditadura Militar, a censura e repressão. No campo das artes sofria a influencia estrangeira como a Pop Art<sup>1</sup>. Então houve uma mistura da produção estrangeira com coisas de nossa realidade, e foram usadas cores fortes e contrastantes para retratar. Rogério Duarte tido como um dos principais designers do tropicalismo não deixou de lado a mixagem da cultura brasileira como as festas populares, entre outras coisas que se destacavam na época. No disco de Caetano Veloso (Figura 08), onde usou o real e o imaginário, o momento psicodélico e pop da época, com cores fortes que retratavam o país tropical. Já no disco de Gilberto Gil (Figura 11), onde é mostrado ele vestido de três formas (o cantor veste um traje semelhante ao usado na Academia Brasileira de Letras, um vestido de militar e ao lado direito, de piloto), retrata em tom irônico o Estado, a cultura e a nação. Onde o verde e amarelo com manchas vermelhas retrata o país manchado de sangue com a violência ditatorial. No disco de Gal Costa de 1969 (Figura 9), Dicinho usa ilustrações com linhas tortuosas, onde misturam rostos e formas, com cores fortes dando volume as imagens. E no disco de Tom Zé de 1968 (Figura 10), remete as histórias de quadrinhos onde e traz o momento em que se encontrava o país, modernização, consumo, propagandas, e a foto dele no meio como produto.

Com todas essas mudanças no país retratadas nas capas de vinis na época do tropicalismo surge uma pergunta; Será que o movimento tropicalista foi apenas um movimento ou ainda conseguiu influenciar nos anos seguintes? Será que as mesmas se tornaram artefatos de memórias para aqueles que viveram essa década?

Para Caldas (apud OLIVEIRA, 2011, p.81)

De forma criativa e ousada, o Tropicalismo contestou o estilo vigente e estabeleceu novos padrões estéticos, que influenciam as gerações brasileiras até hoje, na cultura e no design. “De fato, o movimento propriamente dito completou seu ciclo, mas as idéias permanecerão definitivamente em nossa cultura

Mesmo com seu término no final de 1968, o tropicalismo continuou influenciando nas décadas seguintes, passando a ser tendência na MPB. O designer Rogério Duarte continuou usando o estilo tropicalista em suas capas, não deixando de usar as imagens tropicais do país. É mantido nas capas costumes usual de recortes fotográfico muito usado na década de 60. Surgiram novas ferramentas, plataformas e programas que propiciam ao designer o uso de estilos nacionais e internacionais, misturá-las e criar novas formas de se fazer designer.

As capas tornaram-se artefatos de memória ao longo do tempo? Sim. A partir de 2008, no Brasil e no estrangeiro a imprensa começou a destacar a volta do vinil. Mas é

nas bancas e sebos onde está o verdadeiro sentido do vinil e suas capas como artefatos de memória. Para Le Goff (*apud* Gauziski, 2003), a preservação da memória é essencial tanto à identidade individual como para a coletiva, pois é nela que se fortalece a história. No Rio de Janeiro existe uma loja com nome Tropicália, existe há alguns anos e tornou-se um ponto de encontro entre os amantes do vinil. Não só nessa loja mais em bancas, sebos, vendedores ambulantes os colecionadores vão à busca de raridades das épocas. Para alguns as capas se tornaram verdadeiras obras de artes, eternizando momentos pessoais, não só na escuta, mas também nas imagens, informações, nas cores e nos formatos.

O tropicalismo deixou seu marco em algumas capas, como também outras capas tornaram-se ao longo do tempo não somente verdadeiras obras de arte, mas também raridades como a capa do disco dos Beatles de Sgt. Peppers Lonely Hearts Club Band (1967), a mesma traz recorte e colagem de várias personalidades da época, tornando-se um mistério para quem a ver, pois a imagem faz questionar-se o que se passava na cabeça dos autores naquela época em que foi criada. As capas têm seus valores atribuídos à marca visual, relacionando ao que se foi vivido naquela época, que é o que faz muitos colecionadores pagarem preços altos por algumas raridades existentes. Os anos sessenta e setenta foram palcos de uma verdadeira guerra de capas, que resultou em obras que se eternizaram na memória visual de muita gente.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No meio a tanta insatisfação, tumultos, repressão, crises; desencadeia na população a vontade de libertar-se de tudo isso e revolucionar. Eis que surge em meio a tudo isso o movimento Tropicalista. Mais este movimento criado por artistas como Caetano, Gil, Gal, Os Mutantes, Tom Zé, entre outros, não usava as letras das músicas como arma, para muitos outros artistas brasileiros ele era tido como contracultura, uma vez que, o mesmo usava a mistura não só de estilos musicais, mas instrumentos estrangeiros. O tropicalismo não trouxe apenas mudanças no estilo musical, mas revolucionou também no campo das artes, cinema e teatro.

Essa mixagem de estilos estabeleceu novos padrões estéticos diferentes. Nos anos que se seguem, com o fim do tropicalismo em 1968, o mesmo ainda continuou influenciando os novos artistas que surgiam. A pressão da Ditadura Militar no Brasil, o inconformismo, tudo isso foi motivo para que novos grupos também continuassem no padrão estético do tropicalismo. Na década de 70 o Brasil chegou a ser o quinto maior produtor de discos. Mas o fim desse movimento devido à pressão da Ditadura, fez com que Caetano e Gil se exilassem do país, voltando apenas em 1972, dessa vez com pensamentos mais fortes, e no calor de uma juventude é que estava cada vez mais insatisfeita com a situação social e política do país. Mas a tropicália, com suas capas diferentes que retratavam o pensamento dos artistas ainda parecem continuar na memória de muitos que fizeram parte dessa época, influenciando até hoje os novos artistas.

O acervo de vinis da Rádio Tabajara é uma espécie de documento/monumento, sobretudo quando nesse acervo encontram-se discos de vinis e capas considerados neste estudo enquanto artefato de memória e informação.



## REFERÊNCIAS

AZEVEDO NETTO, C. X. de. Cultura material e arqueologia: uma discussão conceitual. In: BARROS, R.; Chaves, H. (Org.). **Cultura historiográfica e a Escola dos Annales**. João Pessoa: Editora Universitária - UFPB, 2009, v. 01, p. 241-260.

AZEVEDO NETTO, C. X. de. Informação e memória: as relações na pesquisa. **Revista História em Reflexão**, v. 1 n. 2, UFGD - Dourados Jul/Dez 2007.

CALDAS, W. **Iniciação à música popular brasileira**. São Paulo: 5. Ed., Amariyls, 2010.

CARNEIRO, J. **Tabajara 65 anos, a Rádio da Paraíba**. João Pessoa. A UNIÃO, 2002. 150 P.  
<http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/330>>. Acesso em: 30/nov./2015.

LAUS, E. Capas de discos: Os primeiros anos. In Cardoso, Rafael. **O design brasileiro antes do design**. São Paulo: Cosac Naify, 2005. Disponível em <[www.esdi.uerj.br/arcos/arcos-01/01-07.acervo\\_egeu\(102a126\).pdf](http://www.esdi.uerj.br/arcos/arcos-01/01-07.acervo_egeu(102a126).pdf)> Acesso em: 22 de Out. 2015.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas, Editora da UNICAMP, 1990.

LOPES, L. C. Artefatos de memória e representações nas mídias. **Ciberlandia: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense**. Rio de Janeiro, n. 7, 2002. Disponível em:<

NASCIMENTO, P. **História da radiodifusão na Paraíba**. João Pessoa. PRONA, 2003. 382p.

OLIVEIRA, C. T.A **Ruptura Tropicalista no Design Gráfico**. 2011. 72f. Trabalho de Diplomação (Tecnologia em Design Gráfico) – Departamento Acadêmico de Desenho Industrial, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2011.

PORTOLÉS, L. B. **Meu último suspiro**. 1982. Disponível em <<http://www.cafecult.com.br/meu-ultimo-suspiro-luis-bunuel/>>. Acesso em 01/12/2015.

RODRIGUES, J. L. C. Tinindo, trincando: o design gráfico no tempo do desbunde. **Revista Conexão: Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul**, v. 5, n, 2006. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/viewFile/217/208>> Acesso em: 11 Nov. 2015.

SMIT, J. W.; BARRETO, A. A. Ciência da informação: base conceitual para a formação do profissional. In: VALENTIM, M.L. (Org.). **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002. Cap.1, p.9-23.